



**DAS  
PLA  
NTAS**



RESIDÊNCIA

**DAS**  
**PLA**  
**NTAS**

The background features a complex, abstract geometric pattern of thick, light green lines. These lines form a series of interconnected, irregular polygons and shapes, creating a sense of depth and movement. The overall color palette is dominated by dark teal and light green.

EDIÇÃO 2021

MATA ATLÂNTICA  
SERRA DO CAPARAÓ

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Residência das plantas [livro eletrônico] : mata atlântica Serra do Caparaó / organização Juliana Colli , Camila Torres , Luis Filipe Porto. -- Vitória, ES : Juliana Colli, 2021. PDF

Bibliografia  
ISBN 978-65-00-29336-4

1. Artes 2. Mata Atlântica (Brasil) - Fotografias  
3. Plantas (Botânica) I. Colli, Juliana. II. Torres, Camila. III. Porto, Luis Filipe.

21-77983

CDD-779.9

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Fotografias 779.9

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



# SUMÁRIO

1. Apresentação	07
2. Como criar pontes entre a cidade e a floresta? <i>Imersão presencial</i>	09
3. O Caparaó que nos acolheu	11
4. A Tronqueira	16
5. A Juçara	22
6. O que eu sinto que aprendi <i>Imersão digital</i>	27
7. Biografias	56
8. Ficha técnica	61

# APRESENTAÇÃO



A **Residência das Plantas** é uma imersão criativa em arte e natureza. Propõe a construção coletiva de um espaço-tempo para experimentações, trocas e aprendizagem sob um viés selvagem.

Trata-se de um projeto de residência artística que vem se construindo como lugar de encontro entre pesquisas e inquietações dos seus idealizadores: Camila Torres, Juliana Colli e Luís Filipe Porto. Na Edição Mata Atlântica, Serra do Caparaó, que chamamos de piloto, origina-se um experimento da residência a partir de sua aprovação no Edital de Artes Integradas da Secretaria de Cultura de Estado do Espírito Santo por meio da Lei Aldir Blanc 2020. O incentivo público tem proporcionado o desenvolvimento de metodologia e formato próprios para a residência, com o objetivo de torná-la uma imersão itinerante, a cada edição um novo lugar.

Nesta primeira edição, uma imersão presencial de quinze dias contou com a participação de dez residentes em meio à Mata Atlântica no alto da Serra do Caparaó, região rural do município de Divino de São Lourenço, estado do Espírito Santo, sudeste do Brasil. Sua realização contemplou uma experiência de imersão *in loco* que valorizasse a troca entre os residentes, a aprendizagem com o bioma desta edição e o desenvolvimento de poéticas em arte, sejam elas individuais ou coletivas. Todas e todos os participantes da imersão são compreendidos como residentes e compartilharam entre si as dinâmicas e os desafios de morar juntos neste período, incluindo cozinhar, limpar e manter ativa uma casa no meio da floresta. Durante este período contamos com a participação de cinco artistas, moradores da região do Caparaó Capixaba, que, além de anfitriões, contribuíram como mediadores essenciais ao proporcionar ao coletivo uma relação mais íntima com as paisagens do lugar.

Dentre os vínculos afetivos e espontâneos que emergiram ao longo da estadia, destacamos a Juçara, palmeira nativa da Mata Atlântica. Por meio de atividades que propunham o manejo da planta em diversas escalas — colheita, despolpa, preparo de alimentos, extração de pigmento e integração em processos artísticos — a planta se fez protagonista e mediadora do ecossistema. Em um gesto de reciprocidade à Mata e aos seres que nela habitam, semeamos novos berços de Juçara.

Na segunda fase do projeto, a imersão foi realizada no formato digital, com cada residente em seu local de origem, mantendo a participação de artistas-moradores da Serra do Caparaó que estiveram presentes na primeira fase. Nesse outro formato, duas perguntas impulsionaram a criação de momentos favoráveis ao compartilhamento de experiências individuais dos residentes, durante e após a estadia na Mata Atlântica: “o que eu sinto que aprendi?” e “o que eu sinto que consegui oferecer?”. Foram cinco encontros onde cada participante realizou uma partilha dos seus processos e recebeu, por meio da escuta ativa, impressões de outros residentes sobre sua presença no projeto. Como resultado, questões relevantes desta edição foram aprofundadas de maneira colaborativa, o que possibilitou o amadurecimento da sistematização de saberes do coletivo.

Concebida de maneira processual e, em grande parte, amparada em registros pessoais e na transcrição de falas dos residentes, esta publicação é, também, um catálogo de memórias das experiências vividas durante as imersões da **Residência das Plantas**.

**Camila Torres, Juliana Colli e Luís Filipe Porto**

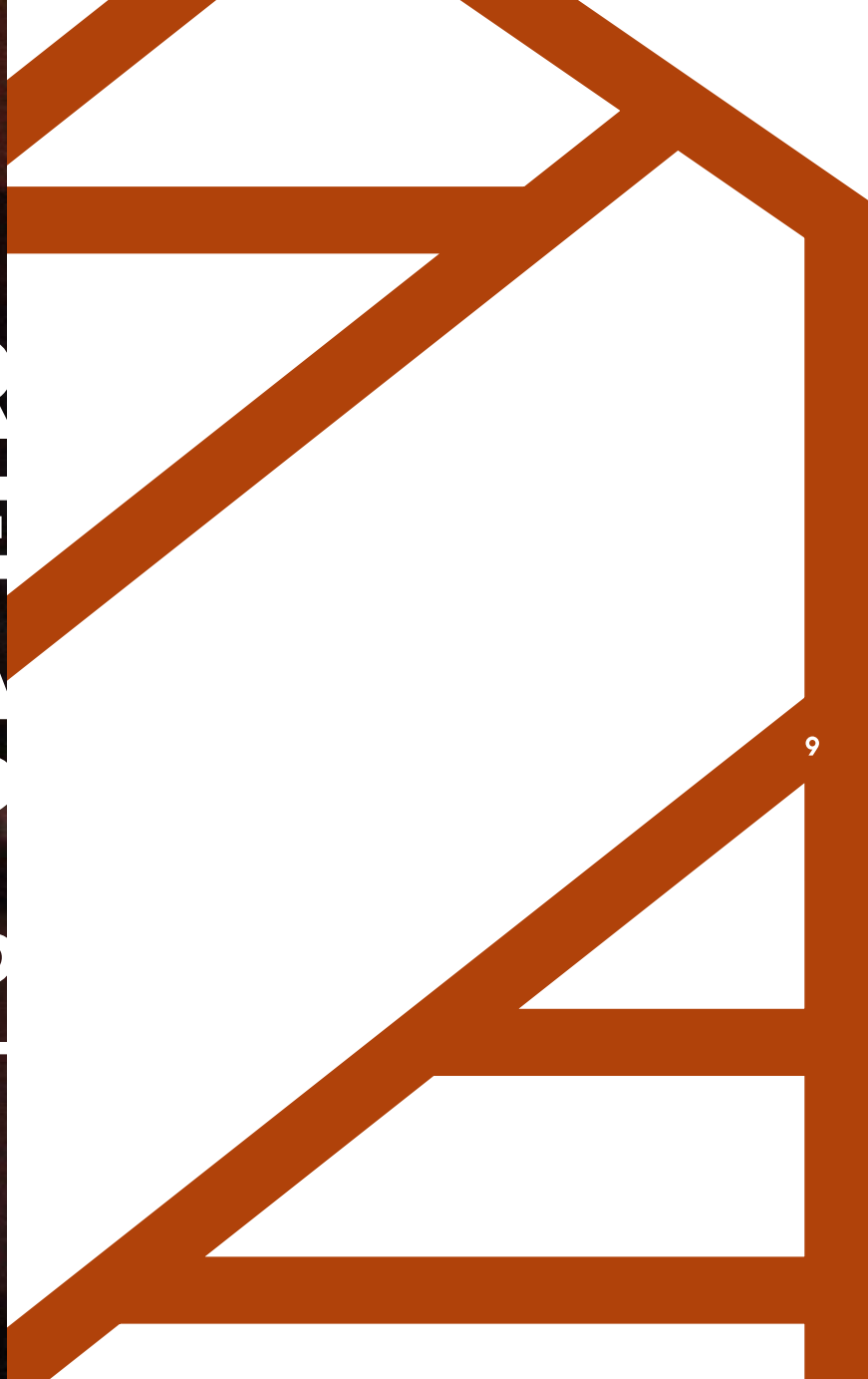






# COMO CRIAR PONTES ENTRE A CIDADE E A FLORESTA?

*IMERSÃO  
PRESENCIAL*



O ambiente natural, do qual a vida moderna e a busca pelo progresso insistem em nos afastar, compreende um complexo conjunto de formas de vida coexistindo em frágil harmonia. Suas infinitas possibilidades de relações entre os mais diversos seres certamente compõem um campo de sabedorias fantásticas, prontas para serem aprendidas, desde que observadas com atenção. De que formas o meio é capaz de se comunicar com aqueles que se dispõem ao exercício da aproximação?

A **Residência das Plantas** propõe uma experiência de imersão criativa baseada na troca e na construção coletiva. Em sua edição inaugural, pessoas oriundas de várias cidades do Brasil (Vitória, Velha Velha, São Paulo, Brasília, Porto Alegre) se encontraram na Mata Atlântica da região do Caparaó para desenvolver práticas artísticas autorais e coletivas tendo como fio condutor a busca por formas de existência que respeitam o ambiente natural e, por consequência, a própria humanidade. Portanto, propomos um deslocamento no modo tradicional de criação em que o humano é o centro que observa uma natureza externa a si.

Também somos natureza e acreditamos que ao observarmos os elementos não humanos, eles nos observam de volta. Cada qual ao seu modo, com mecanismos sensoriais que desconhecemos, mas sobre os quais podemos imaginar. Como será ser planta? Ser pedra? Ser Terra? Trata-se de um exercício de alteridade em que as barreiras presentes entre as diversas existências são atenuadas e nos propomos a estar no lugar do outro, observando a realidade a partir do seu ponto de vista.

Mais do que encontrar respostas, a **Residência das Plantas** pretende incitar questionamentos que possam direcionar a busca no sentido de desenvolver os recursos fundamentais para que todas as formas de vida prosperem no planeta e não apenas a humana. Por meio do diálogo e da experimentação poética buscamos traçar novas ideias de futuro, empenhando a criatividade humana na construção de modos de vida mais comprometidos com a valorização e a proteção da natureza.

**Matheus Romanelli**



# O CAPARAÓ QUE NOS ACOLHEU





A imersão presencial da primeira edição da **Residência das Plantas** aconteceu durante o verão de 2021 no Jardim do Ser, espaço de vivências e educação fundado há mais de 30 anos por Valéria Rodrigues para promover encontros de autoconhecimento e integração com a natureza. Está localizado no alto de uma das montanhas da Serra do Caparaó, em uma comunidade alternativa chamada Portal do Céu.

Para chegar ao local, é necessário percorrer uma trilha de aproximadamente uma hora de duração a pé no meio da mata partindo do vilarejo de Patrimônio da Penha, uma comunidade rural do município de Divino de São Lourenço. O município vive em um contexto tipicamente rural, sua economia se baseia na agropecuária e em atividades de produção de alimentos e artesanato. Esse cenário agrega valor ao turismo que, além do esplendor da cadeia rochosa, desfruta das maiores reservas de Mata Atlântica primária de toda a Serra do Caparaó, reduto de cachoeiras de águas cristalinas.

Tratar do momento em que a Residência das Plantas ocupa essa geografia é relatar um processo de reconhecimento do território genuinamente beneficiados pela impermanência. Havia o local planejado para o repouso e atividades (quase)rotineiras do coletivo, enquanto a potência de ser no Jardim despertava acontecimentos descompromissados com agenda. Das relações espaço-tempo ali vividas, fica o prazer de se lançar em poéticas movidas pela deriva, e talvez essa seja uma das mais significantes qualidades de acolhimento que nos foi proporcionada não por alguém ou pelo local em si, mas pela coexistência, pelo giro compartilhado, por se permitir ressoar o que nos avizinha.

Para além do acolhimento, encontramos guiança nos desvios, fator essencial para uma edição de residência que se propõe lugar comum àqueles dispostos a levar-se pela arte. Compomos um grupo de residentes nascido de encontros passados, em uma articulação orientada pelo afeto, pela diversidade de repertórios e pelo intento de se criar um solo seguro para experimentações de aprendizagem. É curioso identificar que os desvios levaram ao reconhecimento de todos os hóspedes do Jardim do Ser como residentes, pois seria no mínimo razoável se pensar que cabe a uma residência artística uma seleção daqueles que se declaram artistas sem titubear<sup>1</sup>, validando suas trajetórias por meio do portfólio e da persistência de ‘trabalhar com arte’. Aqui a condução se deu pela coragem de fabular consigo, com o outro, com o que está, e dar forma, trazer a tona, pôr no mundo, a própria (re)invenção, se valer da arte para pensar em perguntas que motivaram esse projeto<sup>2</sup> e em tantas outras que afloram da insustentabilidade do modo de ser humano em tempos de catástrofe. Dentre as fabulações, fomos pessoas que fizeram existir a dança, o canto, a pintura, o desenho, a tapeçaria, a escultura, a fotografia, o vídeo, a performance, a instalação, o que mora na fronteira das classificações, o que transborda em som, imagem, palavra. Se quisermos, podemos chamar a edição piloto da **Residência das Plantas** de *site specific*. Se quisermos, resgatamos o ser em arte quando estamos designers, arquiteto-urbanista, educadores, advogada, gestora cultural... nos fazendo, quem sabe, mais corajosos e bem orientados para lidar com o que está por vir.

<sup>1</sup> Nos perguntamos quão comum é vocalizar assertivamente “sou artista” em terras onde negligenciam a arte como elementar à própria existência humana.

<sup>2</sup> De que formas o meio é capaz de se comunicar com aqueles que se dispõem ao exercício da aproximação? Como será ser planta? Ser pedra? Ser Terra?

Durante a estadia, fomos iluminados por quem atravessou nossos processos. O Caparaó que nos acolheu inclui Valéria, Marcelo, Niltinho, Bobinho, Brisa, Mariana, Ramon, Sol, Sananda, Aline, Relva, Laíssa, Ivan, Bárbara, Carol, Elif, Satyan, Malhado, Severino, Aparecida, Christel, Vanessa, Cuiiandiu, Vânia e Jurema — a todas essas presenças, destinamos gratidão pela beleza dos (re)encontros.

**Camila Torres e Juliana Colli**





JARDIM DO SER

PORTAL DO CÉU



# A TRONQUEIRA



**“Salve as caboclas da mata! Salve Iracema! Salve Jurema!  
Salve as caboclas da mata, Iara, Jussara, Jupira e Jandira!”<sup>1</sup>**

O deslocamento do corpo e a imersão profunda na natureza convidam para desafios que possibilitam perceber o mundo e as coisas do mundo sob uma outra perspectiva. Quando se pisa com fé na terra, o corpo cria novas experiências. O pé nu no chão nu<sup>2</sup> incentiva outras memórias, produz novos significados. Sentir a terra de novo é elementar para imaginar outros modos de viver; modificar a maneira como intervimos nas paisagens que ocupamos e se relacionar melhor, com todos os seres.

São infinitas as possibilidades de arranjos, conexões e relações que podemos tecer com os mais diversos seres de um lugar. O solo, a atmosfera, a luz, as águas, as coisas, as plantas e os mistérios. Um universo inteiro de histórias, encantamentos e sabedorias ancestrais disponíveis para serem apreendidas. Para isso é preciso estar disponível. Se colocar à disposição. Fazer junto, construir coletivamente. Superar as fronteiras, se permitir transpassar pelos atravessamentos nas trocas diárias. Desenvolver a capacidade de articular a sensibilidade e a percepção como caminho para conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Colocar o corpo em estado de presença para se relacionar com o meio, abre caminho para muitas descobertas e novos aprendizados.

Pouco podem planejar o que irão desenvolver, os residentes são

---

<sup>1</sup> Trecho da música Ponto das Caboclas, Camila Costa (2013).

<sup>2</sup> Trecho do poema Ponto das Caboclas em ROCHA, Pedro. Ojú axé. Rio de Janeiro: Autografia (2019).

convidados pelo próprio lugar a reconectar. Observar o céu estrelado numa noite de lua cheia, tomar um banho de ervas no quintal, tocar violão à beira do fogão a lenha. A conexão com o chão no qual se pisa e o estado de presença, conduzem à entrega necessária para experimentar o lugar como mediador dos estudos, reflexões, práticas e experimentações, sejam individuais ou coletivas. O corpo é meio, a comida é meio, a música é meio. O banho de cachoeira ao meio dia, meia. A preparação do almoço meia, o escorpião no meio no chão da sala meia. A Casa Mãe se torna morada. Enquanto uns desenhavam, outros passavam. Alguém grita na água gelada da cachoeira, a panela faz barulho na cozinha, o passarinho canta na janela, o vento balança e a samambaia dança lá fora. A casa é mãe. Tem sustento em chão de barro e no meio, um tronco que rasga do centro ao topo do teto. O pilar principal que sustenta a casa é uma tronqueira, como uma estaca, um pé de árvore firme na terra. Pé de árvore ou pé de Jacarandá, Peroba-maçaranduba, Peroba-rosa, Canela-preta, Ipê, Embaúba, Jequitibá, Jacarandá. Tronco de quem um dia foi árvore, ou que ainda é. Agora talvez, menos árvores e mais pé de sustentação.

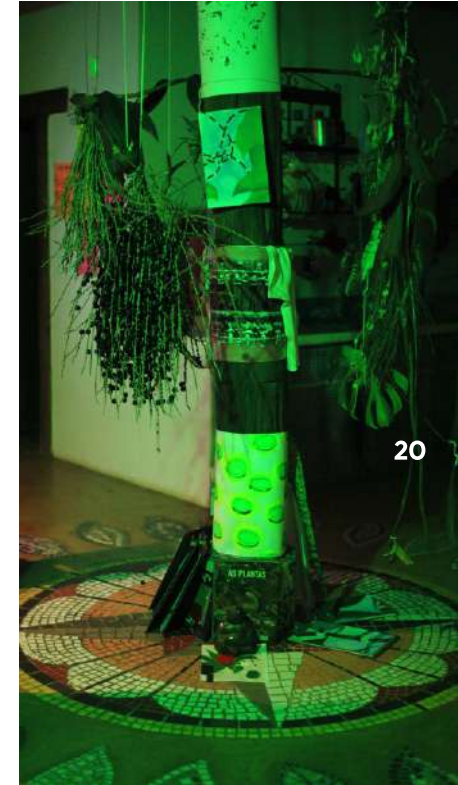
A tronqueira aparece como ponto de interseção das dinâmicas vivenciadas na imersão. Local de materialização dos processos criativos e experimentações, que através do seu próprio uso, torna-se um espaço expositivo da residência. Potencializa a fruição dos processos artísticos do grupo, alinha as reflexões individuais ao coletivo e compartilha dispositivos educativos para construir uma coesão entre os residentes durante o espaço-tempo da imersão. Mais do que encontrar respostas ou desenvolver planos, a **Residência das Plantas** cria uma encruzilhada de subjetividades entre os residentes, seus trabalhos, os seres e todo o meio de um

determinado lugar. Busca construir coletivamente a cada edição a sua própria maneira de ser e aprender tendo o próprio lugar como guia.

**Juliana Colli**









PATACORI  
oxalis



# A JUÇARA



Dos tempos imemoriais aos dias de hoje, uma força nativa e ancestral de Pindorama ainda (r)existe: "Pindó" (palmeira), palavra-tronco-raiz advinda das tradições Tupi-Guarani. "Rama" ou "retama", expressão do elo vital que brota da Terra, do território, do lugar onde se nasce. Não ao acaso, engendrando na Terra das Palmeiras encontramos as nascentes e passagens do Bem Viver, que animam o cordão umbilical de uma multidão de cosmovisões ameríndias, ainda hoje. Tais cosmovisões milenares que acompanharam os intensos movimentos migratórios dos povos originários — já bem antes de 1500 —, também se consagraram em disseminar, como sementes geracionais, os fundamentos do ser e da memória coletiva, em suas sucessivas caminhadas sagradas rumo a Terra-sem-males. Trajetórias e deslocamentos de povos e sementes, rio afora, floresta adentro, continente inteiro.

Nativa da Mata Atlântica, a forte e abundante *Euterpe edulis Martius*, é mais popularmente conhecida como Juçara, Jussara, Içara, Palmeira Juçara, Palmito-doce, Palmiteiro, Ripeira ou Sarova. Trata-se de uma espécie-chave primordial para a manutenção do equilíbrio dos ciclos e da biodiversidade, encontradas neste bioma propriamente tropical. As regiões de maior ocorrência desta população vegetal se dá onde a umidade predomina como condição ambiental, e se estende em áreas descontínuas ou intervaladas, ocupando clareiras e bordas de mata, que vão do nordeste, passando por toda costa litorânea, até o sul do Brasil, partes da Argentina e do Paraguai.

Com a Juçara toda matéria-prima se transforma e, definitivamente, nada se perde: os caules e as folhas nas bioconstruções; a flor no pólen; o mel, os frutos e o palmito na alimentação; as hastes de folhas, de cachos, de fibras em artesanatos e móveis; e as sementes

no paisagismo, nas mudas diretas, na produção de óleo e na confecção de biojóias diversas. A importância da palmeira atravessa múltiplos territórios étnicos, culturais, econômicos, sociais e ecológicos, pois integra uma coexistência afirmativa de diferentes valores e sentidos elementais intrínsecos à saúde humana e às relações entre natureza. Seja como fonte primal de alimento para inúmeras espécies silvestres — os seus principais "coletores" e "disseminadores" diretos — tanto de vertebrados e invertebrados da fauna Atlântica (como jacus, tucanos, jacutingas, sabiás, maritacas, arapongas, bem-te-vis entre outras aves, insetos polinizadores, mamíferos, roedores, marsupiais e primatas); seja pela conservação das bacias hidrográficas, funcionando como "manto ciliar" para a qualidade dos cursos d'água das fontes à foz; seja no papel de restauração e preservação que promove na vegetação de áreas inundáveis, evitando erosões do solo, deslizamentos de barrancos e o assoreamento de margens e leitos de rio.

No entanto, com o aumento abusivo do desmatamento e da exploração empreendidas na Mata Atlântica, muitas espécies nativas sentiram — e ainda sofrem — os efeitos nocivos do uso predatório e indiscriminado. A começar pela drástica redução qualitativa da extensão original do verde que colore a bandeira do Brasil, provocando tensionamentos na legislação ambiental. No caso da Juçara, esses impactos foram notáveis. O corte da palmeira, para fins de extração do palmito, se intensificou para além da conta nas últimas décadas, o bastante para atrair uma numerosa chegada de indústrias de conserva — uma enorme especulação de consumo em torno do comércio palmiteiro e um expressivo desgaste ecossistêmico em curto período de tempo. Portanto, uma vez que essa exploração desenfreada depende do corte que mata plantas adultas, inviabiliza os variados usos sustentáveis da palmeira,

restringindo seu uso apenas ao consumo em massa da extração do palmito, limitados apenas para o fator econômico. Não por acaso, a Juçara passou a ser incluída na Lista Oficial das Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção<sup>1</sup>.

“Aprofunda-te na matéria! Abre os teus sentidos! Tenta perceber as formas dadas pela própria natureza! E tu chegarás a criar laços mais íntimos com ela. Isto acarretará mais sensibilidade nos tratos, nas relações com nossos irmãos (seres vivos) no campo e na floresta, bem como nas relações entre os seres humanos.” (GÖTSCH, 1997)<sup>2</sup>

Contudo, a produção da polpa que provém do agroextrativismo dos frutos da Juçara, tem se revelado não só como promissora alternativa (inclusive, econômica) para o fomento de contextos emergentes ligados a agricultura sintrópica e familiar, mas como a aliança-chave estratégica no balanço energético entre diferentes espécies naturais e cadeias produtivas, capaz de harmonizar as atividades humanas com os processos de sucessão da vida.

Se cada espécie exerce uma parte criadora no funcionamento desse macroorganismo que é a Terra (em relação a um contexto maior no Cosmos), o uso seguro e sustentável da Juçara a partir do manejo dos frutos pode ser, também, um ato político de criação que semeia

direções e horizontes: da polpa da Juçara (muito similar, ao açaí) se refazem os ciclos de uma rica fonte de valores, ao mesmo tempo, nutricionais, rentáveis e ecológicos. Envolve a extração necessária e consciente dos elementais que precisamos para o Bem Viver, sem acarretar no empobrecimento desta população vegetal inserida na manutenção da biodiversidade de nossa superfície terrestre.

Mesmo que a retirada ilegal de espécies nativas da floresta seja, hoje, crime inafiançável, ainda existem muitos desafios e resgates a serem trabalhados para a garantia da existência e resistência da Juçara. Desse modo, os benefícios de se manter a planta de pé são diversos e abundantes. Em outras palavras, a palmeira tem um potencial que transborda o uso comum atribuído pelos povos originários de Pindorama, expandindo os muitos sentidos de "povos da floresta" a outros protagonistas socioambientais como trabalhadores rurais, núcleos agroextrativistas, organizações e conferências agroecológicas, sistemas agroflorestais (SAF's) e muitos outros seres encantados da floresta. Para além do valor econômico exclusivamente, a Juçara, tem valor espiritual, cultural, gastronômico e socioambiental. É cabocla em missão de Regeneração Planetária da Terra.

**Ramon Pimenta**



<sup>1</sup> Ministério do Meio Ambiente – MMA, 2014. Portaria n. 443, de 17 de dezembro de 2014. Diário Oficial da União, 18/12/2014, Seção 1, p. 110-121.

<sup>2</sup> GÖTSCH, Ernst. Homem e Natureza: Cultura na Agricultura. Recife: Centro Sabiá, 1997.



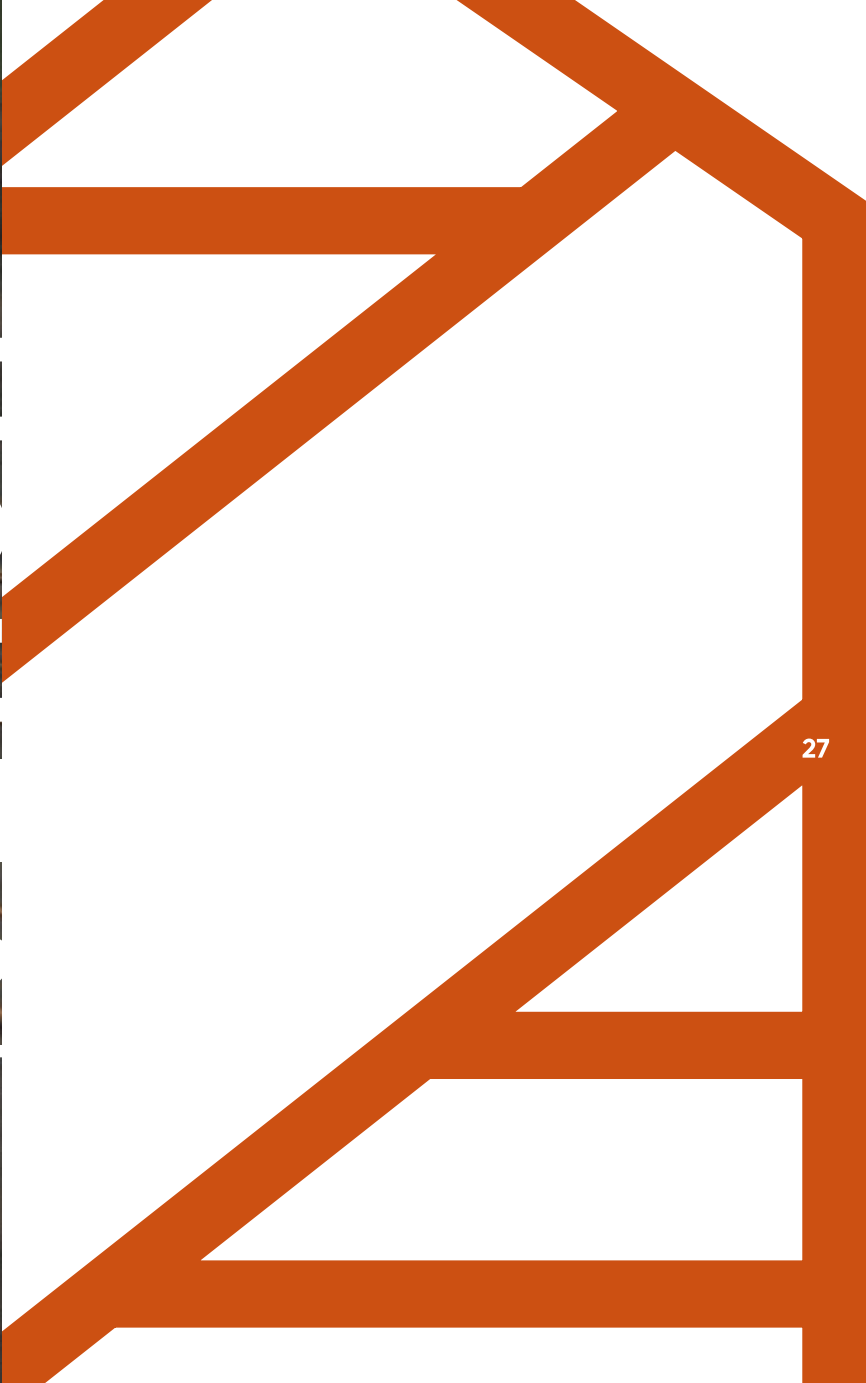






# O QUE EU SINTO QUE APRENDI

*IMERSÃO  
DIGITAL*



Meses após a vivência coletiva no espaço Jardim do Ser, cinco encontros remotos ocorridos em abril e maio de 2021 figuraram uma segunda imersão. O conteúdo apresentado adiante é fruto de memórias das experiências vividas nas duas fases da **Residência das Plantas**, e foi concebido a partir de registros pessoais e de transcrições de falas dos residentes e convidadas durante a imersão digital.



## SABRINA CUNHA

### RESIDENTE

#### Dia de Oxóssi ou danças das árvores

‘Anda quero te dizer nenhum segredo, falo desse chão da nossa casa...’

Um deserto atravessado de Brasília para Vitória, rostos suspeitos ao longo do caminho. O assombro de viver o fim, por mais que me esforce, a coisa é essa: espaços entre luz e sombra. Sendo a sombra do desconhecido que opera no campo do que ignoramos e a luz do sol que faz a Juçara crescer. Esse nome de mulher com gosto de açaí, o saber dos livros sugeridos no silêncio tecendo uma poesia entre as pessoas na casa mãe. Acho que para ser mãe, melhor ser casa do que gente se uma casa fosse mãe seria mãe das janelas que olharia para as estrelas como filhas fugidias belas (essa é para o Luís, veio do livro infantil: ‘Se as coisas fossem mães’ da Sílvia Orthof<sup>1</sup>).

<sup>1</sup> ORTHOF, Sílvia. Se as coisas fossem mães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (2012).

Desde o dia de Oxóssi as árvores mudaram de prumo, árvore Roberta, árvore Luís, Camila árvore, árvore Carol, árvore Juliana, árvore Ramon, árvore Pedro, árvore Matheus, a sombra fez isso com elas ou foi o sol? Foi o giro da terra ou foi o Matheus quando quis calcular o tempo? O tempo vermelho no mastro vizinho à noite da cobra, uma verdadeira geografia de lembranças do Vale do Caparaó, Brasil no estado do Espírito Santo, um dos chãos da raça vermelha<sup>2</sup>. Janeiro de 2021, em plena pandemia, o encontro para a residência deu-se com as árvores acima e inauguradas no dia de Oxóssi: qual é o estado do Espírito Santo? Qual é o santo estado do espírito para sentir a árvore, ser seiva e mover para exalar a cura? A dança das árvores na **Residência das Plantas** marcou uma trajetória conjunta culminando em procissão, antes mapa individual subjetivo em que cada pessoa sentia o espaço para possibilitar ser escolhido por uma árvore, teria alguma relação com o santo estado de espírito? Abrir-se para a escuta de uma árvore? Para depois por ela deixar-se dançar?

Antes da caminhada a dúvida era certa: “qual o tamanho do esforço a ser empregado?” Peso no corpo, dor de cabeça. Durante a caminhada a certeza lúcida: o movimento leve, era a suspensão causada pela presença verde nas vias respiratórias, em outras terras chamado de ‘banho del bosque<sup>3</sup>’ ou ‘Shinrin-yoku’, absorver a floresta através dos sentidos, as fitocidas são odores naturais das plantas que fazem parte do sistema nervoso das árvores, elas exalam esse odor para se protegerem das bactérias, dos insetos,

<sup>2</sup> RIVAS, F. Neto. Umbanda: A proto-síntese cósmica. Yamunishidda Arhapiaga. São Paulo: Pensamento (2007).

<sup>3</sup> LI, Qing. El poder del bosque. Barcelona: Roca Editorial de Libros (2018).

fungos e também fazem parte da rede de comunicação entre as árvores é o modo de comunicação delas. A concentração de fitocidas no ar depende da temperatura e das estações do ano, quanto mais alta a temperatura maior a concentração de fitocidas, a partir dos 30 graus elas atingem o seu máximo. A dança estava instalada num estado de espírito de contemplação, na casa mãe, um som de violão, o sol deixava a sombra maior, o silêncio diferente da floresta e a sensação de amplidão visual, campo vasto, horizonte! Cada vértebra da coluna acordando, mobilizada pela apreciação do novo estado, sendo dançada pelas árvores, presentes e pelo ar, foi aquele fim de tarde.

**Sabrina Cunha**

Fotos: Pedro Karg



*“O que ficou pra mim foi que a dança, de todas as linguagens, talvez fosse a que eu menos me sentia confortável para me expressar. Acho que eu consegui com a sua ação e com a sua presença, pensar a dança na minha pintura e sua proximidade com o gesto do pintar. Agora que eu estou pintando em superfícies maiores, estou entendendo também como o corpo funciona em movimentos maiores, como os problemas mudam quando você muda o corpo, como subir e descer da cadeira para pintar no alto, por exemplo. Fiquei pensando muito sobre como as linguagens se misturam e como elas se contaminam.”*

**Luis Filipe Porto para Sabrina Cunha**

Fotos: Pedro Karg





**PEDRO KARG**  
RESIDENTE

*"Um acontecimento que gravou muito na minha memória e que talvez seja o grande aprendizado da Residência foi um momento que eu estava em cima da cachoeira e eu gritei com o Luís. Isso foi muito forte pra mim, pois eu fiquei pensando sobre o coletivo. Eu lembro que eu disse: "eu estou criando!" E o Luís respondeu: "todos estamos criando, é um trabalho coletivo". E é exatamente isso: o desafio do coletivo."*

**Pedro Karg**

Fotos: Pedro Karg







*“É interessante perceber como os resultados da Residência e de tudo isso estão muito além do que a gente poderia planejar e prever. A gente estava ali, a priori para pensar a nossa arte, a nossa expressão e a coletividade. De repente surgem situações completamente inesperadas que nos colocam para pensar em coisas muito mais profundas. É uma transformação mais essencial, eu diria. Como o encontro de tanta gente bacana junta, dá chance para o imprevisível e para que transformações aconteçam. Assim como esse acontecimento marcou o Pedro ele também deve ter sido importante para muita gente. Todos nós tivemos a chance de refletir sobre si mesmo e sobre algumas transformações internas.”*

**Matheus Romanelli para Pedro Karg**



## LUIS FILIPE PORTO

IDEALIZADOR E RESIDENTE

*“Eu acho que eu aprendi mais sobre acreditar no processo. É claro que a gente precisa pensar em tudo que pode dar errado e o que precisa ser feito para dar certo, mas acredito que pode ser numa ideia de mediação. Eu estava entendendo todo mundo - o Ramon, a banda, a música, os instrumentos, o café da manhã, a comida - como mediadores da minha realidade naquele lugar. Seria muito diferente se não tivesse essa mediação compartilhada. O que eu aprendi foi acreditar mais na intuição, e principalmente, na fabulação e construção de repertório para a minha pintura acontecer. Acreditar na experiência, no saber da experiência mais do que no saber da informação. Não contar e deixar sentir. O que eu pude oferecer foi justamente a minha presença e essa mediação. A gente vem de um ano onde a presença humana foi uma coisa muito escassa e quando eu falo de presença, estou me referindo a presença mesmo, da possibilidade de estar junto fisicamente. Tiveram diversos momentos em que as coisas aconteceram muito*

*naturalmente e um desses momentos me marcou muito. Foi quando eu fiquei chocado vendo que estávamos fazendo um happening(1) muito potente e muito bonito inclusive. Alguns de nós próximos à tronqueira, a Carol estava cozinhando, o Ramon andando e tocando violão, a Juliana batendo tambor e eu tocando, a Sabrina dançando e o cachorro latindo e a árvore ventando. Eu acho que foi um momento que aconteceu essa fluidez que eu estava buscando tanto, de não ter uma demanda específica de ação e de enunciado.”*

**Luis Filipe Porto**

---

<sup>1</sup> *Happening é uma forma de expressão das artes visuais que, de certa forma, apresenta características das artes cênicas. Neste tipo de obra, quase sempre planejada, incorpora-se algum elemento de espontaneidade ou improvisação, que nunca se repete da mesma maneira a cada nova apresentação.*



*"Quando você mostrou essas fotos a partir delas eu entendi e interpretei de onde veio a máscara e o gesso". Eu gostei muito de saber como é esse processo criativo. Acho importante essa partilha porque a gente aprende com ela, pelo menos eu. E o seu processo é completamente correlato e correspondente com a improvisação em dança. Eu fiquei bastante surpresa quando vi você dançando no*



35

*dia que eu fiz a oficina. Eu fiquei chocada, pois o Luís dança pra caramba! De uma sensibilidade profunda, você tem muita conexão com esse tipo de processo da intuição. Pensei que isso já fosse uma tônica do seu trabalho, pois vejo essa tônica do sentir e de escutar, muito refinada. Ela vai chegando onde você quer de uma maneira intuitiva e refinada."*

**Sabrina Cunha para Luis Filipe Porto**





## MATHEUS ROMANELLI

### RESIDENTE

*"O primeiro ponto que eu gostaria de compartilhar é que o Jardim do Ser foi um lugar extremamente confortável e acolhedor. A Casa Mãe foi perfeita para a experiência que a gente estava querendo viver. Esse espaço amplo de convívio, de troca, a integração da cozinha com o espaço de estar, com a varanda, com área externa. A tronqueira que estava ali no meio da sala, que ao mesmo tempo era a estrutura, um pilar da casa e mantinha em pé o nosso teto e por outro lado, também tinha um valor simbólico enorme que era uma espécie de ponto de firmeza da nossa energia em torno da qual a gente girava e se expressava artisticamente. Essa casa foi perfeita, um presente que caiu como uma luva e agradeço imensamente a oportunidade de poder ocupá-la. Assim como os nossos anfitriões, a banda Suindara, o Ramon e a Valéria nos receberam tão afetivamente e fizeram toda a experiência ter sentido. Não faria sentido algum se a gente chegasse em qualquer lugar, só a gente sem uma conexão verdadeira com esse lugar, com as pessoas que estão ali sempre e que enchem esse lugar de vida mesmo quando a gente não está lá. Porque o lugar tem toda uma história que é desenvolvida pelas pessoas que estão nele. Outro ponto importante que caiu muito bem, foi o livro que a Juliana me*

*emprestou. Trazia aquilo que eu gostaria de falar, mas não tinha uma boa referência sobre. Anteriormente à Residência, eu fui à livraria para procurar sobre o assunto, mas os únicos livros que se aproximavam do que eu queria falar estavam na parte esotérica ou metafísica. A ideia não era nem falar do tempo, era tentar encontrar relações entre a minha experiência profissional em arquitetura com a natureza. A gente estava lá para observar a natureza, para trocar com ela e com o que estivesse ali. Eu passei muito tempo, de início, tentando encontrar geometria na natureza. E não existe, a matéria orgânica não é geométrica. Tudo seria uma grande forçação de barra, até que me veio: ondas! As ondas são movimentos periódicos, gravitação e movimentos elípticos. Esses movimentos são extremamente perfeitos na natureza, são matemáticos e geométricos. E aí percebi que era nesse caminho que eu queria seguir. Pensando no comportamento de onda eletromagnética e como a luz se relaciona com as plantas, como desde lá no centro do sol, as reações químicas que acontecem, que matéria vira energia e essa energia vai ser armazenada nas plantas para então ser disponibilizada para a vida na terra, para todos nós. Entendendo também, como as plantas sentem, que elas têm sede de sol, elas sentem vontade de sol, elas precisam do sol. E como isso se relaciona com o tempo e o espaço. Naquele lugar que nós estávamos, a nossa percepção sobre o tempo era diferente, mais desacelerado que a nossa vida cotidiana na cidade."*

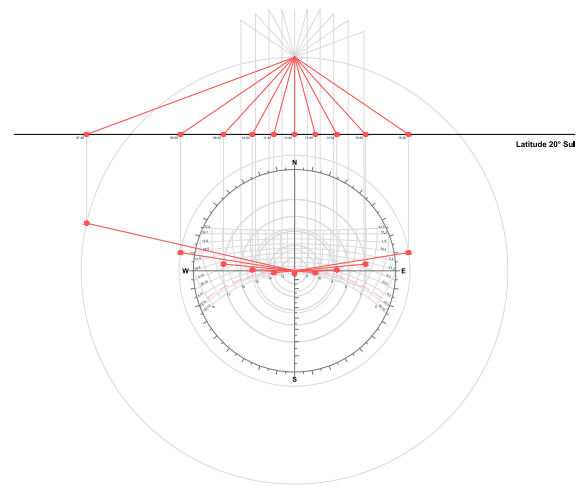
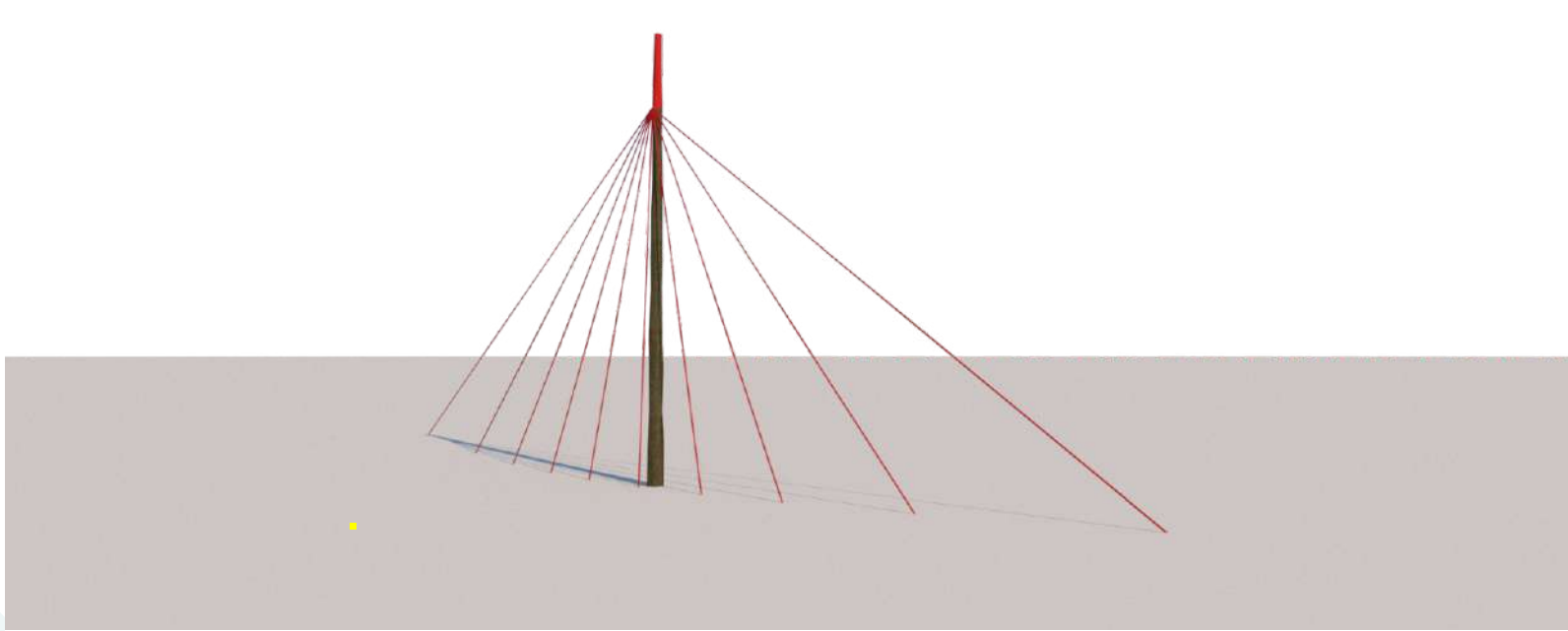
**Matheus Romanelli**



*"Foi muito legal esse processo com o Matheus, porque essa discussão dos movimentos elípticos e dos movimentos circulares é um papo que a gente tem há muitos anos. Eu olho os meus cadernos antigos e vejo vários desenhos sobre esses assuntos. Como funcionam os fluxos do universo, do micro ao macro. Como que a minha vidinha aqui nessa terra se conecta com o movimento dos corpos celestes. É uma memória bem bonita pra mim, da gente na primeira noite de fogueira, lá na varanda da Casa Mãe, a gente sendo presenteado em poder ver a via láctea de um jeito muito especial. É uma discussão muito abstrata e tão etérea, mas você materializou isso de um jeito muito lindo. Me sinto contemplada na sua proposição."*

**Juliana Colli para Matheus Romanelli**







## CAMILA TORRES

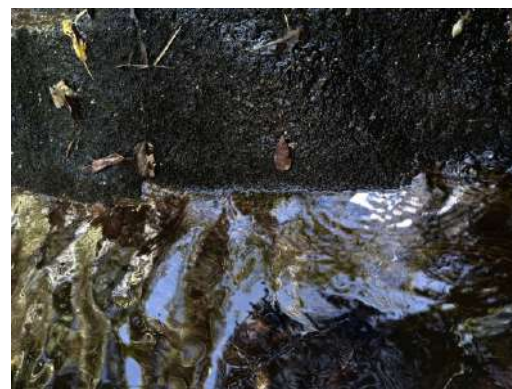
IDEALIZADORA  
E RESIDENTE

*"Escolhi começar com essa foto, que eu acabei nomeando-a como 'a dificuldade do registro'. Essa foi uma das últimas imagens da cachoeira de Iemanjá que eu mesma registrei. A intenção era tentar captar duas manchas escuras que tem embaixo, que eu não sei se eram plantas, eu não sei o que era, pois estava embaixo da água. Essas duas manchas, para mim, pareciam dialogar bastante com uma das conexões e encontros que eu fiz com essa cachoeira. Olhando para essa foto novamente, eu fiquei nessa reflexão que foi uma das maiores reflexões em mim da residência. É justamente a dificuldade de registrar algo que atravessa, que é efêmero, e aceitar também que aquele momento já se foi. Eu gosto desse contato com a água e com a pedra. A pedra sendo muito mais fácil de capturar enquanto forma do que a própria água que está em constante movimento e flui."*

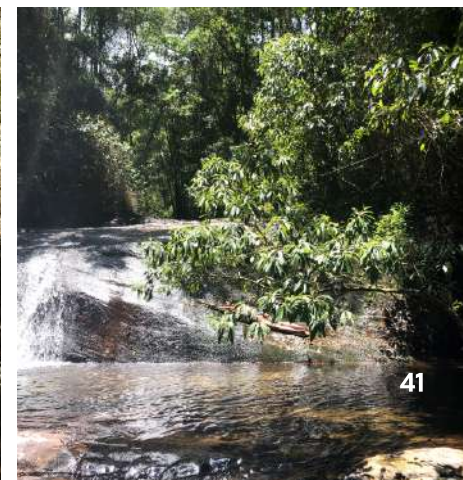
Fotos: A dificuldade do registro e Maravilhamento, Camila Torres

*"Eu chamei essa foto de 'maravilhamento', pois eu acho que tinha que ter uma foto de comida se não eu não ficaria satisfeita. Essa refeição para mim é o maravilhamento da abundância, da presença de cada um. Eu já falei outras vezes dessa admiração pela culinária conduzida pela Carol, uma admiração muito olfativa, mas eu acho que além dessa admiração, eu exercitei a do paladar, obviamente. Eu exercitei muito na residência a escuta, então reconheço essa abundância de encontros e de admiração em todas as mediações: da Carol pelo alimento, a mediação da Sabrina que foi muito importante para eu ativar meu corpo naquele espaço e não em outro, a do Luis, da Juliana, do Mateus, do próprio Pedro também que, ao registrar meu corpo, também media o que eu estou criando. Me impressiona e faz com que eu me admire — às vezes isso não é tão fácil —, a mediação da música conduzida por várias mãos e vozes e corações... O Fernando também, que junto a Gabi me ajudaram a assentar o que estava acontecendo na residência, a Roberta e os depoimentos... E teve algo que foi bem marcante em mim: como que ela aproveitou da atividade proposta do desenho com o espaço! Fica também uma admiração pela própria mediação que eu conduzi pela reação de vocês, pelos depoimentos que eu ouvi, pelas frases que ouvi depois."*

**Camila Torres**







*"Você tem uma atitude performática. Parece que você está desenvolvendo essa questão, o que é interessante de observar, pelo menos olhando de fora, é que você não teve a pretensão que alguém estivesse te assistindo ou uma alguma expectativa de resultado. Você realmente estava ali, honestamente se conectando e vivendo, experienciando, e é uma coisa muito mais interna e íntima do que necessariamente para ser fotografada. Então foi muito bonito de ver e de pensar sobre outras formas de se relacionar com o espaço."*

**Matheus Romanelli para Camila Torres**

Fotos: Pedro Karg, Gabriele Stein e Juliana Colli



## ROBERTA TAUFNER

RESIDENTE

*"Com a Sabrina eu aprendi a dançar com as árvores. O Pedro e as suas fotos, me ajudaram a transformar um sentimento em mim, pois durante muitos anos me recusei a ser fotografada por não me sentir bonita. Com o Matheus eu senti o aprendizado da sutileza na observação. Compartilhamos conversas deliciosas e silêncios confortáveis juntos. Com a Camila eu aprendi a mudar o ponto de vista de observação e interação, tanto com as plantas como com as pessoas. Com o Luís Filipe eu aprendi a estar presente na cachoeira de uma maneira diferente e respeitosa com o ambiente.*

*A "pedagogia cachoeira todo dia" me ajuda a aprender nesse ambiente como em uma escola. Com a Carol eu compartilhei muitos momentos de paz e adrenalina, estou sempre aprendendo com ela. Pois, comandar uma cozinha vegetariana para tantas pessoas por tantos dias com maestria como ela fez, é para poucas pessoas.*

*Os cheiros, sabores e texturas da sua comida comoveram a todos e segue nas minhas lembranças afetivas. Com o Ramon sinto que a montanha nos presenteou. Um caboclo da mata que com muito cuidado transmite seus conhecimentos, entre discursos, pausas e músicas. Com Fernando, eu sinto que aprendi e com a Gabi também, o respeito às nossas diferenças e que a convivência em comunidade*

*precisa passar por essa questão, de saber e entender como o outro está naquele momento. Com as fadas da Suindara sinto que eu aprendi a me conectar com a música do meu coração. Aprendi que lar é onde nosso coração está e o meu estará sempre com vocês no Caparaó, eu sinto mesmo o chamado dessa montanha há mais de 10 anos e eu sinto que eu tenho uma casa aí junto com vocês. Com a Juliana sinto que continuo aprendendo a maestria das conexões, ela costurou todos os interesses e diferenças de uma forma admirável e uma inteligência emocional impressionante."*

**Roberta Taufner**



42



*"Achei bem interessante a ideia da Roberta de trazer o aprendizado dela com cada uma das pessoas do grupo. É bem curioso porque no fundo eu acredito que isso aconteça mesmo, sobretudo pelo tempo que ficamos juntos, pois nós residimos de fato juntos. As residências artísticas têm formatos muito diversos e nem todas pressupõem que as pessoas irão residir literalmente, dormindo e comendo no mesmo teto. Acho que nós levamos o conceito de residência ao nível mais profundo, quando escolhemos ficar 15 dias juntos no meio da floresta. É inevitável que a gente aprenda uns com os outros nesse momento, aprendizados ora gostosos, ora duros e difíceis. Esse aprendizado passa também por esse lugar de transformação pessoal, um lugar de certa forma, até de cura. Admiro muito a sua partilha e coragem de falar sobre esses aprendizados com cada um de nós."*

**Juliana Colli para Roberta Taufner**





## FERNANDO NICOLAU

RESIDENTE

*"Uma coisa que eu aprendi com o teatro, foi 'não dizer não'. Na improvisação quando você diz não, a improvisação acaba. Foi desafiador, não dizer não na Residência porque, de todas as pessoas que ali estavam eu só conhecia três. Eu acho que reaprendi a me adaptar ao modo de funcionamento de um grupo, eu estava muito sozinho nos últimos tempos - pelo isolamento da pandemia da Covid-19. Me relacionar nesse modelo particular, de uma imersão em arte profunda, a qual você acorda e dorme com as mesmas pessoas. Aprendi que mesmo diante do meu medo de alguns bichos peçonhentos é possível estar em movimento. Aprendi a comer menos carne. Reaprendi que é possível viver usando pouco o celular. Reaprendi que liberar maus pensamentos gera-me cura. Sinto que o que eu consegui oferecer neste trabalho foi a minha presença."*

**Fernando Nicolau**

Fotos: Gabriele Stein



*"Nosso corpo é anestesiado a maior parte do tempo e neste estado de alerta para de sentir a arte, que talvez eu esteja chamando de presença, talvez seja essa desatrofiação das vias do sentir. Para que a gente possa ser atravessado por aquilo que a gente nem entende como arte, e talvez não seja arte mesmo, seja só a floresta, mas que está ali no mesmo lugar de fruição, são as mesmas vias de sentir".*

**Luis Filipe Porto para Fernando Nicolau**

*"Uma frase que eu gostaria de trazer, a partir do livro Pequeno Manual Antirracista de Djamilia Ribeiro é: "Eu não me descobri negra, eu fui acusada de se-la". De modo especial esta frase promoveu uma série de imagens e afetações em mim, porque a partir da minha experiência em vida me fiz em Ribeiro. O que também quero dizer é: eu não me descobri artista, fui acusado de sê-lo pela maneira como meu corpo se movia. Meu trabalho passa fundamentalmente pelo corpo. Aos poucos tento codificar os processos de arte na vida".*

**Fernando Nicolau**

Fotos: Juliana Colli e Pedro Kraig





## BANDA SUINDARA

### CONVIDADAS

*"Uma das conversas que a gente teve na cachoeira foi sobre a fala 'eu não me descobri artista, eu fui acusado de ser.' Aconteceu um caso da minha família, que meus pais foram chamados à escola para conversar e a coordenadora falou: 'eu acho que sua filha é autista' e minha mãe ficou muito indignada e disse para ela: 'você não entendeu nada, minha filha é artista.' É uma coisa que não dá para fingir, o artista transborda! Mas ao mesmo tempo eu penso nessa condição de ser artista, que isso está em todo mundo só que de formas diferentes. É como se só faltasse oportunidades para se permitir, ser invocado ou provocado a se lançar. Lembrei de uma outra história que me marcou muito, que aconteceu quando eu vi um trechinho de uma entrevista da Gal Costa no Altas Horas. O Serginho Groisman perguntou: o que é ser artista para vocês? Ela respondeu algo assim: 'ser artista para mim é você ter a coragem de se jogar no abismo, é você não fazer a menor ideia do que vai acontecer, é você não se agarrar a nenhum rótulo a nenhuma leitura que fizeram sobre você, mesmo que ela tenha sido uma leitura de sucesso e que você tenha sido reconhecido por aquilo, você precisa ter a coragem de largar tudo e se jogar de novo'. A música Pedaco de Deus ao qual eu compus fala da minha*

*relação de amor e medo com a floresta. Várias vezes eu sinto um chamado muito forte e me enfio no meio do mato fechado mesmo e vou morrendo de medo. Vou entrando e fazendo oração de proteção o tempo inteiro, pois tem uma coisa muito forte que me move e eu preciso entrar, eu preciso sentir ela mais de perto. E mesmo com medo é extasiante!"*

**Laíssa Gamaro**

### Pedaco de Deus

(Composição de Laíssa Gamaro, versão Suindara)

Se fez lá no mato um segredo  
Na hora do orvalho fresco

No mato molhado disfarcei de medo  
E de olhos fechados surgiu um novo trecho

Nesse faz e refaz do start ao desfecho  
Se fez lá no meio do som um segredo:

Se fez lá no mato um segredo  
Na hora do orvalho fresco

No mato molhado disfarcei de medo  
E de olhos fechados surgiu um novo trecho

Nesse faz e refaz do start ao desfecho  
Se fez lá no meio do som um segredo:

No estar aonde está há um estado de paz  
Estado de paz encontrado em um pedaço de Deus

Se fez lá no mato um segredo  
Na hora do orvalho fresco

No mato molhado disfarcei de medo  
E de olhos fechados surgiu um novo trecho

Nesse faz e refaz do start ao desfecho  
Se fez lá no meio do som um segredo:

No estar aonde está há um estado de paz  
Estado de paz encontrado em um pedaço de Deus

No estar aonde está há um estado de paz  
Estado de paz encontrado em um pedaço de Deus

*"A percepção de que todo mundo é artista e só precisa de oportunidade está muito conectada, para mim, com o entendimento de que a arte está em todo lugar. Você não precisa de nada para se expressar de maneira artística, você não precisa necessariamente fazer uma faculdade de artes para se expressar. Até porque não tem um método para "se jogar no abismo" como você disse. Eu acho que a Residência das Plantas tem essa busca de receber pessoas, e não necessariamente artistas. Eu vivo a arte muito mais para me expressar e para ficar feliz com essa expressão, apesar de ser muito difícil acreditar que a gente pode fazer arte. A gente precisa trabalhar nessa desatrofiação e entender que a*

*arte está em qualquer coisa. Depende da perspectiva como olhamos para essa coisa e como a gente medeia o mundo. Todo mundo tem que ter a oportunidade de se jogar no abismo. Claro que quando a gente se joga no abismo e sabe que tem um colchãozinho lá em baixo é muito mais fácil, quando tem a oportunidade de ter um edital, de ter uma equipe de pessoas competentes, é claro que isso vai melhorando, mas precisamos trabalhar para que todo mundo entenda que o que faz é arte quando se expressa livremente, genuinamente e honestamente."*

**Luis Filipe Porto para Suindara**

*"Vou falar meu relato sobre a Residência. Eu cheguei de uma ida lá em Vitória e cai de paraquedas, sem saber o que ia acontecer, até o momento que eu cheguei lá em cima e na grama eu falei "oi, eu sou Aline Maria da banda Suindara". Eu não fazia a menor ideia do que ia acontecer, aí aparece a Gabi na janela e fala "oi". Gabi e Lipe foi muito mágico, a gente sentou para conversar e de repente eu estava ali oferecendo uma oficina de canto, nada disso tinha sido programado. Quando eu passei a vista na grandiosidade que estava acontecendo, eu entrei em um processo de insegurança e pensei: "será que eu sou intelectualmente suficiente para adentrar nessa floresta linda?" Eu vi aquela casa com todo aquele mato pendurado, eu vi como uma floresta, e como a Lala falou, ao mesmo tempo que dá um medo danado, também dá um encanto enorme e uma força também. Eu tive que vencer esse meu medo para entrar nessa floresta de vocês e aí, as flores foram florindo ao longo do caminho e cada pessoa que foi chegando, foi me trazendo um feedback muito importante para mim e para minha*

autoconfiança. Eu aprendi muito, a minha mente se expandiu bastante, novos horizontes artísticos, criativos. Eu até comecei a desenhar. Eu nunca desenei e de repente, outro dia eu estava desenhando uma índia, mostrei para as meninas. Tudo isso é muito importante, amizades sinceras, afetos preciosos e eu só agradeço. A bruxa que há em mim saúda a bruxa e o bruxo que há em cada um de vocês. Isso porque a gente fez uma grande e belíssima bruxaria muito poderosa.”

**Aline Maria**

“Nem passava pela minha cabeça que a Aline estivesse se sentindo insegura no dia da oficina, e nesse dia eu estava pensando: “eu sou um desastre para cantar, como eu vou cantar?” Eu nem imaginava que ela também estivesse em um processo reflexivo desses. Tenho pensado que o encontro com o outro proporciona esse momento de cura, a partir da troca. Nós fizemos muito isso na Residência. No momento que a gente atravessa alguém ou quando somos atravessados, a gente se vê no outro, no trabalho do outro, no sentir do outro. Acredito que há uma potência enorme nesse atravessamento e me parece que é aí que a gente aprende.”

**Juliana Colli para Suindara**

“O que me deixou mais impactada na Residência foi a sensação de estar em casa, mesmo com pessoas desconhecidas. Eu cheguei lá e senti a energia da nossa casa e da nossa família, porém diferente. Mas muito similar ao mesmo tempo. Foi muito, muito, muito bom

sentir isso. Eu acho que a Residência das Plantas transformou o Jardim do Ser e ainda vamos colher muitos frutos daqui em diante, pois deixou uma energia muito potente. Outro ponto que tem me deixado pensativa tem a ver com a imagem que me vem quando escuto uma música da Suindara. Eu fecho os olhos e às vezes eu posso me transportar para essa imagem que vem aos olhos fechados: um menino andando na mata, um rio, uma canoa, a floresta, e daqui a pouco já está em uma cachoeira e aparece as cigarras, o grilo, e tudo isso vai criando um filme na minha cabeça.”

**Relva Rodrigues**

“Meu pai de santo falava: “Fecha o olho meu filho, pensa que você está entrando numa floresta. Tem uma trilha bonita e agora você está vendo uma cachoeira, você está ouvindo o som da floresta e o som da cachoeira.” E aí em 2 minutos acontecia. Por que só imaginar a floresta quando eu estou no ritual da umbanda? Nós somos seres espirituais 24 horas, e esse estado de alerta que eu sinto quando eu estou no terreiro pronto para receber aquela energia, é mágico. Porque não é assim o tempo inteiro? Esses momentos de canto com a Suindara, me fizeram lembrar o que ele falava: “Tem que cantar meu filho, não adianta só ouvir e ficar quietinho, o seu corpo precisa vibrar nessa frequência.” O trabalho da Suindara é lindo e é um despertar desse nosso corpo anestesiado e contra estético. Porque a crise é estética.”

**Luis Filipe Porto para Suindara**



## Uiara Silenciosa

(Composição de Aline Maria, versão Suindara)

É quase noite, é quase dia  
Eu e o sol se despedindo lá no céu  
Quem anuncia é um assobio  
Pousou na minha visão  
e brincou com a minha lágrima

É o despertar (Hey ah) da consciência da Natureza

I Uiara Hi hê...  
I Uiara Hi hê Aho!

É a voz de Iara, seu canto traz...  
Recado de pajé no silêncio que faz:  
"É que o Homem, com sede de poder, Já cego, fez a Terra crer  
que é necessário muito além de estar aqui,  
Simplesmente Ser..."

Silenciosa eu perdôo essa nossa falsa educação (3x)

E pelo poder da montanha  
e da Natureza que clama  
Eu venho entoar  
Eu venho entoar essa nova versão:

I Uiara Hi hê...  
I Uiara Hi hê Aho!

É o despertar da consciência da Natureza!

*"O que eu acho que é o despertar? Eu posso responder essa pergunta com base no momento que eu compus essa canção. Eu estava na força da ayahuasca, que é uma bebida que conecta a gente de uma maneira absoluta com a expansividade da floresta, do mundo e da espiritualidade de um modo geral. Eu sentei no mirante da casa de vidro lá em cima da montanha, com um violão na mão. E o sol estava se pondo, se despedindo. A sombra ia tomando conta do horizonte e de repente apareceu um passarinho e ele piou. O pio penetrou dentro do meu ser de uma maneira inédita, de modo que eu comecei a chorar. Eu ouvi o pio desse passarinho e eu senti que ele se comunicou comigo e dentro dessa viagem, dessa bruxaria, esse pio se transformou numa melodia. Ele fez alguma coisa como um "piu-piu piopiê, pipi-ê" e aí chegou assim pra mim: "I Uiara Hi hê..." Esse pio não só era um passarinho lindo cantando como era também uma mensagem de um pajé, dentro da minha viagem espiritual. Depois eu fui ouvir o canto da Uiara e refletir esse grande equívoco da humanidade, de achar que a gente precisa muito mais do que realmente a gente precisa para viver. E ali como eu estava nessa plenitude, eu perdoei essa falsa educação que ensina pra gente que a gente precisa muito mais além do que a gente realmente precisa. Eu perdoei essa falsa educação e recebi esse chamado da floresta, pelo poder da montanha e da natureza que clama eu venho entoar essa nova versão. Essa nova versão mostra que a gente pode ser pleno e feliz dentro da simplicidade de um pio de passarinho."*

**Aline Maria**



**JULIANA COLLI**  
IDEALIZADORA,  
CURADORA E RESIDENTE

*"Sempre fui acostumada a fazer registro em imagem e na Residência eu fiz muitos registros em áudios, o que tem sido diferente nos meus processos criativos. Acredito que nós construímos paisagens sonoras muito bonitas e de alguma forma, ainda estamos construindo. E uma dessas paisagens que me marcou muito, me leva de volta lá para a nossa última noite na montanha com as meninas da Suindara, a Valéria, o Ramon, o Ivan e muitos outros seres encantados. Estávamos na fogueira, era uma noite clara de lua cheia de verão e tive um momento muito bonito nesta noite que a gente canta juntos o poema Ponto das Caboclas, que é tão importante e tem um significado especial para mim. A gente canta e declama juntos, sem combinar. Foi um momento espontâneo mas que eu entendo como muito potente, pois mostra o quanto que a gente consegue criar junto. Um dos aprendizados mais importantes da imersão, pra mim, foi poder colocar o pé no chão e sentir a terra, de novo. De poder fluir, conseguir criar e produzir a partir daquilo que a gente estivesse sentindo. Desde que começamos a trabalhar neste projeto, tem sido um grande desafio tentar controlar menos e confiar mais no*

*processo para sentir qual é a próxima etapa, o que vai acontecer no próximo momento, assim como fizemos quando cantamos juntos na fogueira naquele dia."*

**Juliana Colli**

Fotos: Camila Torres e Gabriele Stein



*"Eu acho muito bonita a forma como você cuida. É tão grande os lugares que você toca com cuidado que não dá nem para colocar em palavras exatamente o que você cuida. Mas é quem tem nutrido de forma muito intensa a possibilidade da gente estar junto agora, sempre tentando resgatar da memória, quando, onde começou, há quanto tempo estamos, o que fizemos. No convívio com você eu também me reconheço e eu acho que essa troca mostra o que somos, para além do que você é, do que eu sou e eu estou passando por esse momento, que eu acho que você também passa, que é a vontade de fazer para algo que está sempre presente, que seja a própria vida, que seja a terra, as plantas."*

**Camila Torres para Juliana Colli**

*"Eu lembro de um momento na Residência que eu te falei que você deveria começar a pensar a curadoria de verdade, porque você já faz isso há muito tempo. Não essa curadoria tradicional, mas essa curadoria que está surgindo com os processos coletivos, com a cena independente, curadoria num campo ampliado. E eu achei interessante você trazer uma imagem da tronqueira, que foi tão importante para nós e eu vejo como um resultado dessa mediação curatorial, porque eu sinto que foi uma curadoria coletiva, mas ao mesmo tempo existia uma conversa, você estava ali num lugar de artista, mas talvez sua produção artística seja de fato fazer essa amarração e pensar no todo e construir poeticamente, como se a matéria prima do seu trabalho fosse o trabalho dos outros, você tem muita facilidade em articular para fazer as coisas e pensar em um todo, pensar em uma totalidade."*

**Luis Filipe Porto para Juliana Colli**



Fotos: Juliana Colli



**MARIA CAROLINA  
C. GIMENES**  
RESIDENTE

*"O primeiro desafio para mim foi pensar em receitas, pois eu nunca tinha de fato cozinhado para tantas pessoas por tanto tempo. Meu comprometimento com a cozinha foi acontecendo durante o período da imersão e acabou sendo uma descoberta para mim também. Roberta e eu tentamos várias vezes, antes da imersão, planejar o cardápio, mas não fluía. Portanto, lá na hora eu moldava as receitas que eu pensava a partir dos alimentos que estavam disponíveis no momento. Eu ia pegando várias coisas e no final, dava certo. Foi um processo bastante intuitivo e que me deixou bem feliz, porque eu vinha de um momento na minha vida onde a minha intuição parecia estar um pouco adormecida. Esse contato com a comida durante a Residência foi despertando a minha intuição de volta."*

**Maria Carolina C. Gimenes**

Fotos: Pedro Karg e Fernando Nicolau





Fotos: Pedro Karg



*"A residência precisa ser um espaço não só de artistas e isso é uma discussão que a gente tem tido muito, é uma residência só para artistas? Se rolar uma segunda edição, por exemplo, e só tiver artista, imagina, muda completamente tudo, agora o que não muda é a comida. A arte não está na pessoa, a pessoa que estuda arte ela vai lá e faz, ela produz, ela se provoca a produzir, mas a arte está nas coisas, ela existe independente da gente, a gente que acessa as coisas, mas a arte existe, não depende de ninguém para a arte existir, as pessoas também fazem arte, mas a arte está nas coisas, está na natureza, na comida, está em tudo.*

**Luis Filipe Porto para Maria Carolina C. Gimenes**



## GABRIELE STEIN

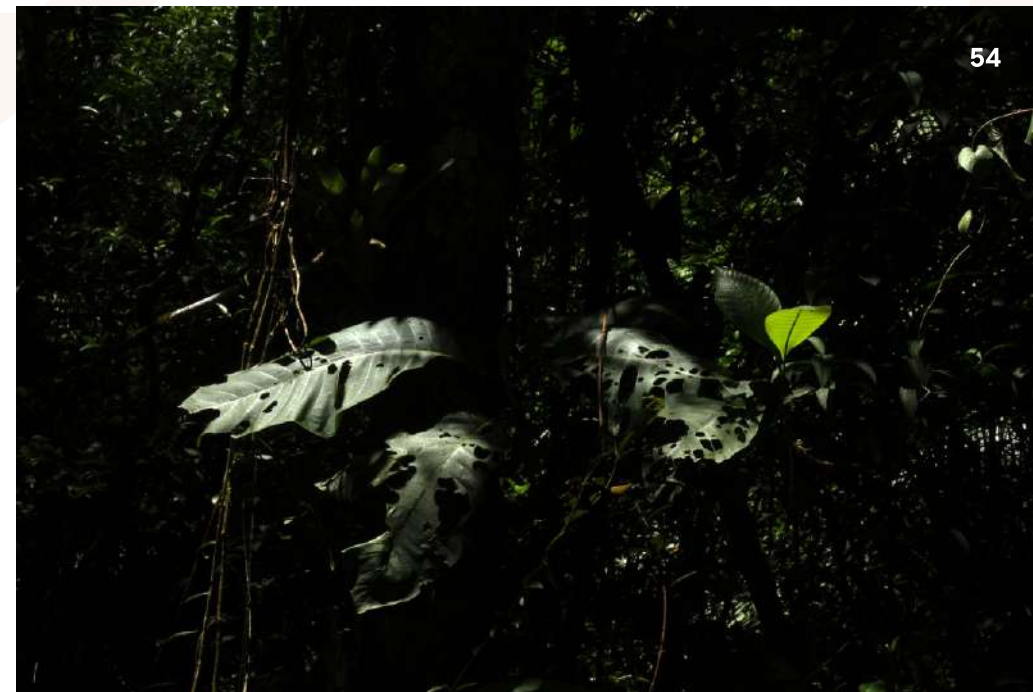
### RESIDENTE

*"Essa é a foto clássica pra mim, o sentir, o que a gente fez o tempo todo lá, o que a gente faz o tempo todo na vida, na verdade, o sentir, e essa busca do que a gente está sentindo e o que a gente está buscando para sentir certas coisas ou não. Eu acho que é o que está movendo, pelo menos para mim, dentro de todo esse contexto do mundo que a gente tem vivido hoje, o sentir, o que alimenta a gente, porque a gente coloca dentro de peito, seja no sentimento, seja na comida, principalmente, tudo que a gente coloca pra dentro do nosso corpo é o que vai fazer toda diferença no que a gente externa depois. Eu tenho frequentado lugares com muito verde e isso tem mudado muita coisa na minha vida pessoal e no geral, na maneira de me portar, de respirar e no modo de falar com as pessoas, o tom, a maneira de ouvir as coisas e julgar ou não, reverbera no ambiente que você está, o ar que você respira a comida que você come, reverbera em tudo, em todas ações da vida. Eu também sou uma pessoa muito da imagem, eu trabalho com imagem, eu sou muito focada na imagem e eu mudei mais uma vez meu ponto de vista para o som, porque eu acho que o som causou muito mais sentimento em mim, talvez, do que a imagem. Junto com a residência eu recebi, sem querer, aquele perfil que eu até*

*compartilhei com vocês, lá no grupo, de um estudo de uma galera na Austrália que estava usando umas máquinas, basicamente, para emitir os sons das plantas, quando eles descobriam que as plantas emitem som. Tudo emite som, o vento emite som. Eles utilizaram esses aparelhos para emitir o som das plantas, transformar em frequências audíveis para os seres humanos e aí eu achei aquilo tudo muito interessante, comecei a ir atrás desses sons. Fiz vários downloads de sons, fui atrás desses cientistas que pesquisavam isso e aí, nos meus trabalhos, eu entrei numa pira de trilhar os vídeos que eu estava trabalhando com esses sons das plantas. Foi uma das coisas mais incríveis de trabalho que eu acho que eu consegui fazer. Então eu acho que saí um pouco da imagem para o som."*

**Gabriele Stein**

Foto: Gabriele Stein





*"Quando você falou do som eu já fiz uma anotação, porque nessa minha caminhada de pensar sobre as plantas, e de pensar a Residência lá no início do projeto, me veio a lembrança de eu olhar as plantas da minha casa e me perguntar: "como que essas folhas estavam me vendo?", "que imagem seria essa?", "como esses seres nos enxergam de volta?", como que as plantas nos observam de volta?" Já que a gente retrata tanto elas — e quando eu falo em 'retratar' é de um ponto de vista da imagem mesmo, de pintura de paisagem, de desenho de botânica, a gente sempre nesse lugar da imagem... —, isso faz gerar um questionamento sobre sermos vistos, em um questionamento bem amplo, no meu trabalho e na minha pesquisa, desde comportamentos humanos bem ruins, quando a gente tampa a visão da planta colocando um copo plástico em cima dela e por aí vai, não é tão romantizado como parece ser, é uma inquietação real da gente reconhecer nossas próprias ações e nossos impactos. Voltando ao som, o que as plantas me cantam?"*

**Camila Torres para Gabriele Stein**

# BIOGRAFIAS



## RESIDENTES

### CAMILA TORRES

[ola@camilatorres.com.br](mailto:ola@camilatorres.com.br) >> [@camilalom.torres](https://www.instagram.com/camilalom.torres)

Designer (bacharelado pela Ufes, mestrado pela UnB), pesquisadora e professora do curso de graduação em Design Gráfico do Centro Universitário IESB (Brasília-DF). Tem formação no programa Gaia Education, trabalhou no Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (Ecocentro Ipec, Pirenópolis-GO) e realizou pesquisa pioneira sobre Comunidades que Sustentam a Agricultura situadas no Distrito Federal. Em 2020 passa a integrar o programa de doutorado em Artes Visuais da UnB, desenvolvendo pesquisa em que traça relações entre o humano e o vegetal.

### FERNANDO NICOLAU

[arte@fernandonicolau.com](mailto:arte@fernandonicolau.com) >> [@fernando\\_nicolau\\_arte](https://www.instagram.com/fernando_nicolau_arte)

Capixaba, brasileiro, latino-americano, artista da cena e visual. Fundador do 1COMUM Coletivo. Formado pela Escola de Teatro e Dança - FAFI (ES) e pela Casa das Artes de Laranjeiras - CAL (RJ), como ator. Formado pela Faculdades Integradas São Pedro - FAESA (ES) e pós-graduado pela Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM (RJ), como comunicólogo. Atua como diretor de cena, de elenco, de arte, iluminador, cenógrafo e desenhador gráfico. Esteve a frente nos espetáculos "Capivara na luz trava" (2012), "Se eu fosse Iracema" (2016), "Histórias de uma Margarida" (2017), "Mundo Afora: Meada" e "Selva lírica" (2018). Nos anos de 2018, 2019 e 2020 desenhou a luz para o Prêmio APTR (Associação dos Produtores de Teatro do Rio de Janeiro). De março a dezembro de 2019 participou - como diretor, técnico e facilitador da oficina "Dramaturgia da luz" - da 22ª. Edição do Palco Giratório (SESC) com o espetáculo "Se eu fosse Iracema". De março a julho de 2021 realizou a sua primeira exposição individual, "Descolonizar o imaginário".

### GABRIELE STEIN

[gabrielestein@gmail.com](mailto:gabrielestein@gmail.com) >> [@gabstein](https://www.instagram.com/gabstein)

Moradora de Vitória. Formada em Comunicação Social pela Faculdades Integradas de São Pedro (Faesa - ES) e Direção Cinematográfica pela Academia Internacional de Cinema de São Paulo (Aic - SP). Atua no mercado audiovisual desde 2010, na direção, produção e edição de filmes documentários, televisão e entretenimento. Nos últimos anos vem se dedicando a direção de filmes de curta e longa-metragem de ficção. Atualmente, está na pré-produção de seu novo filme "De Onde Nasce o Sol" com previsão de lançamento para o início de 2022.

### JULIANA COLLI

[juulianacolli@gmail.com](mailto:juulianacolli@gmail.com) >> [@juulianacolli](https://www.instagram.com/juulianacolli)

Designer e educadora. Aprende, ensina, pesquisa e empreende em design e educação. Pós-graduanda em Docência para a educação profissional e tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes, — em andamento); mestra em Teoria e história da arte pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes, 2015) e graduada em Design (Ufes, 2011). Atuou como gestora de projetos culturais e diretora de negócios criativos ao longo de 10 anos no Espírito Santo. Tem experiência com design gráfico, design estratégico, inovação, economia criativa e ecossistemas de criação e inovação. No momento atua na educação formal em instituições de ensino públicas e privadas como o Ceet Vasco Coutinho (2016) e o Centro Universitário Faesa (2020); empreende pelo OPARQUE em projetos educacionais e colabora com algumas organizações sociais.

### LUIS FILIPE PORTO

[filippe.porto@gmail.com](mailto:filippe.porto@gmail.com) >> [@portoluisfilipe](https://www.instagram.com/portoluisfilipe)

Luis Filipe Porto, artista e educador. Compôs a equipe educativa de instituições como Museu de Arte do Espírito Santo, Instituto Tomie Ohtake, Sesc Pompéia e Bienal Internacional de Arquitetura. De 2016 a 2018 esteve à frente das ações educativas da Associação Cultural Videobrasil e,

atualmente, desenvolve formações de educadores e supervisores em diversas instituições culturais. Coordena, desde 2019, o núcleo educativo da Flip - Festa Literária Internacional de Paraty. Integra o Coletivo Foi à Feira. Com seu trabalho autoral, explorando principalmente a pintura, participou de exposições no Brasil, Portugal e França. Vive e trabalha entre Vitória e São Paulo.

#### **MARIA CAROLINA C. GIMENES**

*carolmariagimenes@gmail.com >> @carolmariacg*

Maria Carolina Caseira Gimenes é advogada formada pela FDV e pós-graduanda em Direito do Trabalho, também pela FDV. Apaixonada por animais e cozinha, possui interesse em culinária e busca, em sua trajetória na área, a exploração de sabores, combinações, e alimentos em geral. Por possuir prazer em servir uma boa comida, experimenta e cria receitas aos finais de semana, aprimorando-as com as técnicas extraídas dos estudos realizados com intuito de oferecer aos familiares e amigos uma experiência caseira e saborosa.

#### **MATHEUS ROMANELLI**

*romanelli.matheus@gmail.com >> @matheusromanelli*

Arquiteto, urbanista (FAU USP, 2020) e designer de interiores (Senac, 2009), dedica-se à concepção de projetos de edificações, interiores e de instalações artísticas de escala urbana. Responsável técnico pelas intervenções em espaços públicos propostas pelo Coletivo Foi à Feira, elaborou as instalações Bonde Monumento e Objeto Horizonte . Atua no escritório N.P.C. Grupo Arquitetura, onde contribui no desenvolvimento de diversos projetos arquitetônicos, dentre eles o Sesc Compostagem (Bertioga, SP) e o novo prédio do colégio franco-brasileiro Liceu Pasteur (São Paulo, SP).

#### **PEDRO KARG**

*pedro.karg@gmail.com >> @pedrokarg\_fotografia*

Gaúcho de Porto Alegre nascido em 1992, Técnico em espetáculo de diversão, na função de Montador de filme cinematográfico DRT N°: 0009079/SP, Fotógrafo e Videomaker (SENAC, 2009), Técnico em Publicidade e Propaganda (E.T.E Irmão Pedro, 2010), Diretor de arte e cenografia para Cinema e Audiovisual (Vera Hamburger, 2016), participou do Curso Abril de Jornalismo (Editora Abril, 2012) na categoria Fotografia, atua no mercado editorial e de cinema. Tem experiência com fotografia e direção de arte.

#### **ROBERTA TAUFNER**

*robertataufner@hotmail.com >> @robertataufner*

Roberta Taufner, gestora cultural pela Fundação Getúlio Vargas e mestre em educação ambiental pela Universidade de Barcelona. Fundou o cineclube Ludovico Persici na comunidade rural de Matilde. Trabalha há 10 anos como produtora e mobilizadora cultural em produções audiovisuais, eventos culturais, turísticos e ambientais. Atua na área de Turismo rural de base comunitária com o chamado para trocar a vida na cidade pela vida simples no interior, pois acredita que viver o que se ensina é a melhor forma de inspirar as outras pessoas a fazerem o mesmo.

#### **SABRINA CUNHA**

*csabrinacunha@gmail.com >> @sabri.nacunha*

Sabrina Cunha, dançarina, pesquisadora de dança improvisação a partir da dança Butô e práticas somáticas, docente do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília, onde coordena o grupo de pesquisa Corpo-imagem na improvisação. Doutora em Arte Contemporânea pela UnB, possui mestrado e graduação pela ECA-USP, formada pelo método Danceability e praticante de Kinomichi. Sente na dança a oportunidade de transcendência e de vazão às diferentes formas de vida que carregamos: árvore, espíritos, água, animais, pedras e caminhos em constante transformação.

## CONVIDADES

### ALINE MARIA

[aline.hrasko@gmail.com](mailto:aline.hrasko@gmail.com) >> [@alinemaria\\_33](https://www.instagram.com/alinemaria_33)

Aline Maria, graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Espírito Santo. Cantora profissional há 13 anos, compositora, violonista e percussionista, atua no cenário da música como produtora musical e educadora. Atua desde 2020 no cargo de mediadora da oficina de música da Associação de pais, amigos e pessoas com síndrome de Down, a Vitória Down. Atualmente integra as bandas Terra Sem Males e Suindara, ambas localizadas no vilarejo de Patrimônio da Penha, na Serra do Caparaó, lugar que Aline escolheu para viver em comunidade, mais integrada com a natureza e a espiritualidade.

### LAÍSSA GAMARO

[issagamaro@gmail.com](mailto:issagamaro@gmail.com) >> [@laissagamaro](https://www.instagram.com/laissagamaro)

Laíssa Gamaro, publicitária pela Universidade Federal do Espírito Santo atuando como ilustradora pelo Estúdio Primavera - Artes Visuais com foco nos Direitos Humanos, Diversidade Cultural e Conscientização Ambiental. Como realizadora audiovisual coordenou diversas oficinas de produção em vídeo para jovens e crianças, além de ter dirigido o documentário “Que Floresça a Luz” (2014) e uma série de vídeos-arte com trilha sonora de canções de sua autoria. Atua como Cineclubista desde 2008, fez parte de diversos cineclubes, ministrou cursos de formação cineclubista, organizou encontros estaduais, além de ser uma das fundadoras da entidade estadual cineclubista, a Organização Capixaba de Cineclubes (OCCa), na qual atuou como Diretora de Comunicação. Na área musical é compositora, cantora e violonista. Integrou o quadro de músicos da Orquestra Pop&Jazz (ES) por dois anos, e atualmente integra o grupo musical Suindara, trio de mulheres que tem como proposta canções autorais das integrantes. Além de ser sócia proprietária da Ecohospedagem Casinha Encantada, na Serra do Caparaó Capixaba.

### RELVA RODRIGUES

[relvatur@gmail.com](mailto:relvatur@gmail.com) >> [@relva\\_rodrigues](https://www.instagram.com/relva_rodrigues)

Relva Rodrigues, turismóloga pela Unilago (SP), cursa Educação do Campo pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atuou como Gestora Municipal do Turismo na Secretaria Municipal de Turismo de Divino de São Lourenço por 9 anos. Fundou o cineclube Cine Pipoca da Penha em Patrimônio da Penha, atuou como coordenadora da ONG Ambientalista Amar Caparaó. Coordena as atividades da Brinquedoteca Comunitária Curumim, além de atuar como brinquedista voluntária durante 3 anos. Sócia proprietária da Ecohospedagem Casinha Encantada, que busca proporcionar momentos de integração com a natureza e ser um veículo de cura da alma de dentro para fora. Integrante do grupo musical Suindara, que atualmente está no processo de gravação de seu primeiro EP, que será um chamado para um ritual na floresta, buscando trazer um respiro para os tempos difíceis que estamos vivendo.

### SUINDARA

[@suindaraoficial](https://www.instagram.com/suindaraoficial)

Suindara, trata-se de uma espécie de coruja que vive nas Américas. Possui um grito forte e um voo silencioso. Enxerga muito bem em meio à escuridão em sua face há dois discos no formato de coração, que ajudam a levar o som aos seus ouvidos. Uma das melhores audições entre os animais terrestres. Uma Suindara surge quando os cantos se reúnem. Representa a sorte a quem se recorre à sabedoria para ouvir a voz do coração, gritar bem forte e voar silenciosamente. As suas canções relembram o passado, consagram o presente e zelam pelo futuro da humanidade em comunhão com a natureza e toda a sua diversidade.

São três mulheres criadoras.  
Rezam através da música.  
Lutam através da música.  
Sentem, aprendem e ensinam através da música.  
Seu ritmo é a canção.

## **RAMON PIMENTA**

*ramonpimenta0@gmail.com >> @r.p.m.333*

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2017), com ênfase em processos grupais e institucionais, Transdisciplinaridade e Saúde Coletiva. Participou como criador e colaborador do LABIOS (Laboratório de Afetos e Biopolíticas - UFES). Tem interesse em processos de subjetivação, modos de vida no contemporâneo, políticas públicas de educação, assistência social e saúde mental, na articulação entre psicologia, artes, filosofia, antropologia e clínica. Atualmente reside no Caparaó Capixaba, participando na criação de sistemas agroflorestais e agroextrativistas da Mata Atlântica, aliado às cartografias afetivas das bacias hidrográficas e modos de vida rurais. Investiga Processos Holísticos de Autocura pela Natureza, sobretudo, pelas Plantas.

## **VALÉRIA RODRIGUES**

*@valeria.caparao*

Valéria Rodrigues, paulista e aos 15 anos saiu de casa em busca de um lugar para montar uma comunidade alternativa, depois de muito rodar pelo país encontrou o vilarejo de Patrimônio da Penha, na Serra do Caparaó, onde fez morada e permaneceu por mais de 30 anos. Já no Caparaó ajudou na organização de diversos eventos holísticos, dentre eles destacamos o Encontro de Comunidades Alternativas (ENCA) de 1991 e de 2014. Uma das fundadoras da ONG Amar Caparaó, que mantém um trabalho de conscientização ambiental há mais de 25 anos na região do Caparaó. Sócia proprietária da Pousada Beija-Flor (primeira pousada do vilarejo de Patrimônio da Penha) e do Jardim do Ser Espaço de Vivência (espaço destinado a eventos holísticos e terapêuticos). Mediadora de Danças Circulares Sagradas e dirigente da igreja CÉU do Espírito Santo, templo da doutrina do Santo Daime.



# FICHA TÉCNICA

**RESIDÊNCIA DAS PLANTAS**  
**EDIÇÃO 2021 \_ MATA ATLÂNTICA \_ SERRA DO CAPARAÓ**

**REALIZAÇÃO**

OPARQUE

**APOIO**

Lei Aldir Blanc / Secult ES / Gov Federal

**IDEALIZAÇÃO**

Camila Torres

Juliana Colli

Luis Filipe Porto

**CURADORIA**

Juliana Colli

**PRODUÇÃO EXECUTIVA**

Roberta Taufner

**RESIDENTES**

Camila Torres

Fernando Nicolau

Gabriele Stein

Juliana Colli

Luis Filipe Porto

Maria Carolina C. Gimenes

Matheus Romanelli

Pedro Karg

Roberta Taufner

Sabrina Cunha

**CONVIDADES**

Aline Maria

Laíssa Gamaro

Ramon Pimenta

Relva Rodrigues

Valéria Rodrigues

**FOTO E VÍDEO**

Gabriele Stein

Pedro Karg

**CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO**

**ORGANIZAÇÃO**

Camila Torres

Juliana Colli

Luis Filipe Porto

**TEXTOS**

Camila Torres

Juliana Colli

Luis Filipe Porto

Matheus Romanelli

Ramon Pimenta

Sabrina Cunha

**REVISÃO**

Giselle Soares

**DESIGN GRÁFICO**

Fernando Nicolau

**ILUSTRAÇÃO**

Thais Kobe

**FOTO CAPA**

Pedro Karg

**PAISAGENS**

Estas imagens foram fotografadas durante o verão de 2021 na Mata Atlântica, alto da Serra do Caparaó, região rural do município de Divino de São Lourenço, estado do Espírito Santo, sudeste do Brasil. Todos e todas participantes testaram negativo no exame para detecção da Covid-19, realizado previamente ao início da imersão presencial.



A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos nos capítulos são de exclusiva responsabilidade dos autores. Você tem a liberdade de compartilhar, copiar, distribuir e transmitir esta obra, desde que cite a autoria e não faça uso comercial.

REALIZAÇÃO

OPARQUE

APOIO



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
Secretaria da Cultura



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



The background features a complex, abstract geometric pattern of thick orange lines on a dark green background. The lines form a series of interconnected, irregular shapes, creating a sense of depth and movement. The pattern is symmetrical and repeats across the page.

[DASPLANTAS.COM](http://DASPLANTAS.COM)



